



EDUARDO NAJJAR

E-WHAT?

Sem dúvida, a tecnologia da informação (TI), também conhecida por informática nos meios menos engajados, é uma realidade que apresenta inúmeros aspectos positivos como o aumento de produtividade, geração de oportunidades de trabalho, melhoria da qualidade de vida e, a reboque, aspectos menos positivos que chegam até a atrapalhar a nossa "vidinha mortal": desemprego, novas neuroses, ameaça à privacidade de informações. Tudo muito normal.

Interessante notar as mudanças de costume que a TI vem imprimindo ao dia-a-dia: o surgimento de uma nova cultura empresarial, a *e-culture*; novos substantivos, verbos, advérbios; o problema do analfabetismo digital e da categoria dos excluídos digitais. Os impactos vão da simples baixa no nível de auto-estima ao extremo do desemprego. Importante realçar os esforços mundiais para a geração de programas que incentivem e apoiem a inclusão digital.

Para falar de exclusão digital, você já se sentiu um peixe fora d'água quando aquele jovem de quase 25 anos pergunta com ar de espanto: "Você ainda não consegue abrir um arquivo em *attachment*?" ou "isso é simples, dê um *download* no programa". Você já tentou trocar cartões de visita com "inseridos digitais" que ostentam aquele bendito aparelho de transferência de

cartões por software? Ou já teve seu micro infestado por vírus ao ler mensagens engraçadinhas? Qual a ética que rege essa situação e como dizer para o seu amável interlocutor digital que o arquivo estava, digamos, infestado desses deletérios vermes digitais?

No *métier* da educação, podemos verificar o crescente mercado nacional e mundial de produção de cursos e conteúdos diversos para serem consumidos por intermédio de computadores pessoais. Na outra ponta, os esforços das empresas encampando a ideia do *e-learning* ou *web-educação* para que seus funcionários atendam aos inúmeros programas de treinamento disponíveis em suas próprias estações de trabalho, seus micros e, no mínimo, aumentem seu nível de empregabilidade.

Por trás desse esforço, está algo mais importante, cuja massa de trabalhadores - incluídos digitais ou não - ainda resiste em entender:

- 1 A aprendizagem deve acontecer em diversos locais, horários e ocasiões.
- 2 A obtenção de conhecimento de base escapuliu dos muros das instituições de ensino.
- 3 A necessidade de atualização dos conhecimentos é de tal ordem neste novo mundo do trabalho que não se

pode ficar esperando a hora de aprender, em que o professor está disponível para a turma.

4 A empresa é uma das melhores escolas, onde é possível - na prática - apreender o certo e observar o errado, tirar conclusões importantes para a auto-aprendizagem.

E a tecnologia da informação tem, e terá, um papel importante nesse

cenário, que se traduz num enorme desafio: a maioria do povo latino ainda não possui a disciplina e o perfil empreendedor necessários para o sucesso em processos de auto-aprendizagem, que exige uma nova relação com o computador pessoal.

Contudo, acredito que, no fim desse processo de mudança recém-iniciado, alcançaremos a melhoria do nível de qualidade de vida por intermédio da contribuição que os aspectos positivos da tecnologia da informação trarão à educação. Mas é preciso estarmos sempre atentos e cuidadosos ao lidar com aspectos inovadores no trato de um ícone tão antigo quanto importante que é a educação de um povo.

Não se
pode esperar
a hora de
aprender,
com professor
à disposição

Eduardo Najjar é professor universitário, autor, consultor organizacional e conferencista; membro da diretoria da ABRH: (enajjar@atglobal.net)